

LÓPEZ, Pilar Ordóñez; PINILLA, José Antonio Sabio (editores literarios). *Historiografía de la traducción en el espacio ibérico. Textos contemporáneos*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2015.



Martha Lucía PULIDO Correaⁱ
Universidade de Antioquia, Colômbia
Universidade Federal de Santa Catarina

Em 1995, com a publicação de *Les traducteurs dans l'Histoire/Translators through History*, Jean Delisle e Judith Woodswortⁱⁱ balizaram um caminho para o desenvolvimento da História da tradução no Ocidente. Duas décadas se passaram, e variadas Histórias da tradução têm sido publicadas, em diferentes países, com perspectivas diferentes e em modalidades diversas: um retrato de um tradutor numa época determinada; um conjunto de ensaios sobre um tema específico tocando a História da tradução; uma antologia. A compilação de Pilar Ordóñez e Sabio Pinilla é o primeiro intento de colocar num só volume uma série de leituras contemporâneas que, em conjunto, representam uma síntese do que se tem escrito em espanhol sobre a prática da tradução, a pesquisa em tradução e a tradução nos *curricula* universitários.

271

O propósito dos editores é ressaltar as especificidades da historiografia ibérica, diferenciada do euro centrismo que tem caracterizado os estudos da tradução, assinalando as contribuições da historiografia ibérica para a discussão tradutológica e oferecendo perspectivas de teóricos da literatura, tradutólogos e historiadores que se têm aprofundado na História da tradução.

Para este propósito, os editores dividiram o livro em três seções, apresentadas em modalidade de Leituras, expostas cronologicamente, em castelhano, português e catalão, que têm a pretensão de servir de guia para o estudo da História da tradução, e não há presunção de estabelecerem teoremas fixos e fechados. O intuito é ampliar a discussão a propósito da questão e, sobretudo, lançar uma crítica da história da tradução que está sendo desenvolvida no espaço ibérico.

As leituras reunidas na primeira seção, intitulada “*Tradición filológica, literária y comparada*”, foram escritas por pesquisadores e professores de literatura que, ao mesmo

PULIDO. *Resenha - Historiografía de la traducción en el espacio ibérico. Textos contemporáneos. Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 271-277, 2017.

tempo, traduzem. É essa a razão pela qual os textos referenciados estão estreitamente relacionados com histórias de literaturas nacionais em relação com a tradução.

É o caso do capítulo de Miguel Gallego Roca, “*Historia literária, literatura comparada y estudios sobre traducción*”. Para esse pesquisador, o estudo da tradução numa época dada permite, entre outras coisas, conhecer o gosto literário dessa época, o que ele chama “*Historiografía literária abierta a las traducciones*”, um movimento possível a partir da metodologia da teoria da recepção. Essa relação possibilita o estudo das traduções da perspectiva da História literária, da Literatura comparada e dos polissistemas.

José Francisco Ruíz Casanova, na leitura seguinte, concorda com Gallego Roca sobre a História da tradução ser uma sorte de exegese da cultura literária de uma época, e toma essa premissa como ponto de partida para a reflexão sobre a História da Tradução literária na Espanha e a periodização do dito estudo.

Em “*Narrativa de la traducción*”, capítulo seguinte, as metáforas geralmente utilizadas para definir a tradução permitem que Salvador Peña Martín estabeleça seu discurso sobre a História da tradução como narrativa, dado que narrativa e história compartilham elementos fundamentais da narração, que incluem precisamente a recepção. Para isso, apresenta vários estudos de caso de tradutores e promotores de tradução do árabe para o espanhol, como Alfonso X, Miguel de Luna, Alonso del Castillo, Frey Francisco de San Juan del Puerto y Emilio Lafuente Alcántara, comentando, nas narrativas históricas, as estratégias utilizadas por uns e outros para obter manuscritos, para contornar a censura e conseguir imprimir e difundir os textos traduzidos, enfim, para atingir seus propósitos.

Julio César Santoyo encerra essa primeira seção com o tema da auto-tradução, “*Autotraducciones intrapeninsulares: motivos históricos, razones actuales*”, introduzindo a matéria com exemplos como o caso de Frey Luis de León, que é forçado a traduzir, do espanhol para latim, os comentários que ele mesmo escreveu para acompanhar a sua tradução para espanhol do *Cantar de los Cantares*. Seguidamente, analisa os diversos motivos que levaram os tradutores a se auto-traduzir, fossem eles históricos, didáticos, políticos, ideológicos, enfim, fossem pelas possibilidades de reescrita que oferece a auto-tradução e a convicção, às vezes desacertada, de que o melhor tradutor é o próprio autor.

Na segunda parte, os editores se ocupam do que eles chamam “*Enfoques historiográficos propiamente dichos*”, que incluem uma reflexão sobre o labor dos intérpretes como mediadores culturais através da história, levada a cabo por Íciar Alonso no terceiro

capítulo desta seção, intitulado “*Historia, historiografía e interpretación. Propuestas para una historia de la mediación lingüística oral*”. Esse capítulo está precedido pelos textos de Lepinette e de Fernández Sánchez e Sabio Pinilla.

A metodologia da história da tradução é abordada com o texto de Lépinette, “*La historia de la traducción – Metodología. Apuntes bibliográficos*”, que trata dos modelos – “sociológico-cultural”, “descritivo-comparativo” e “descritivo-contrastivo” – de reflexão histórica, e dos objetos da prática historiográfica determinada por esses modelos, estabelecendo assim uma relação entre história, língua, filologia, literatura e tradução para a análise textual e, em consequência, para a tradução e para a análise de textos traduzidos.

No capítulo assinado por M^a Manuela Fernández Sánchez e José Antonio Sabio Pinilla, “*Algunas reflexiones acerca del relato canónico de la historia de la traducción y algunas incidencias en el ámbito peninsular*”, os autores partem de uma aproximação da tradução em Portugal nos séculos XVI e XVII para oferecer uma reflexão sobre a História canônica da tradução e as omissões cometidas por esta. Fernández Sánchez e Sabio Pinilla fazem assim visíveis fatos portugueses, como o caso de Valentim Fernandez da Moravia, de origem germânica, que, no século XVI, se estabeleceu em Lisboa, onde atuou como tipógrafo-impressor e tradutor, imprimindo numerosas obras, entre as quais encontramos *Marco Polo*.

273

Os dos últimos capítulos dessa seção fazem referência à História da tradução dentro do mapa dos estudos da tradução, o primeiro de maneira geral, aludindo, ao final, especificamente à América Latina, e o segundo focando-se na história da tradução em Portugal.

O capítulo de Vega e Pulido, “*La historia de la traducción y de la teoría de la traducción en el contexto de los Estudios de la traducción*”, analisa a predominância das considerações essencialistas, tecnicistas e normativas nos estudos da tradução, dando como resultado análises incompletas da nossa disciplina, que eludem, desta maneira, aspectos críticos, descrições integradoras e fenômenos antropológicos. Mas os autores também destacam o desenvolvimento que os estudos de tradução vêm experimentando no que concerne a sua posição nas hierarquias acadêmicas, particularmente no âmbito da pesquisa em História da tradução, o que repercute, conseqüentemente, nos programas de formação. O capítulo propõe tarefas a serem desenvolvidas nos estudos da tradução e termina com um apêndice sobre a história da tradução na América Latina.

Teresa Seruya, em “*Contributos para uma história da tradução em Portugal*”, ainda que proponha, para começar a discussão, o adjetivo “incomensurabilidade” para referir-se ao objeto “História da tradução”, demonstra que é possível fazer uma História da tradução em Portugal, e para isso, identifica uma série de fontes bibliográficas, de utilidade na pesquisa histórica, que ela mesma utiliza no seu projeto de Bibliografia de traduções de literatura durante o período do Estado Novo em Portugal.

A terceira parte, “*Enfoques ideológicos y poscoloniales*”, tem a ver com a alteridade e as relações de poder, e com o incremento das fontes historiográficas que agora abrangem oralidade, entrevistas, fotografias. A partir de uma perspectiva tradutológica, e utilizando métodos de pesquisa antropológicos, essas fontes desbordam a tradução linguística e filológica, abrangendo a comunicação entre culturas.

Para Ovidi Carbonell, em “*Traducir al otro. Traducción, exotismo, poscolonialismo*”, a tradução no contexto pós-colonial se mobiliza em três campos bem definidos: o estudo da tradução ao serviço da colonização; as diferenças na recepção de obras num mesmo espaço geográfico no qual se exercem diferentes tipos de poder; e a tradução como elemento desestabilizante do poder colonizador e, em consequência, como crítica da colonização.

Nora Catelli e Marietta Gargatelli, em “*El tabaco que fumaba Plinio. Escenas de la traducción en España y América: relatos, leyes y reflexiones sobre los otros*”, fazem visíveis as omissões intencionais, ou seja, exclusões, de que têm sido objeto países como Itália ou Espanha, dentro das Histórias da tradução ocidental como a de Henri Van Hoof, exclusão que o próprio Van Hoof explicita. Menos explícita, mas ainda assim evidente, é a exclusão de autores espanhóis “posteriores ao século XVII, à exceção de Ortega e Gasset, em *After Babel* de George Steiner” (CATELLI; GARGATELLI, In: ORDÓÑEZ LÓPEZ; SABIO PINILLA (ed.), 2015, p. 276), segundo apontam as autoras. Elas também analisam a relação entre Espanha e América, em termos de omissão, exclusão da língua e da cultura do outro americano, que permite a criação “de uma cultura fictícia – a hispanidade – tão sólida e forte que adquiriu a forma ‘real’ de um passado comum à Espanha e à América” (Ibid., p. 278). Assim, as omissões cumprem a função de criar uma história fictícia.

Francesc Parcerisas, que escreve seu capítulo em catalão, “*Poder, traducció, Política*”, comenta sobre a crença geral que se tem de que uma tradução é idêntica a seu original; ainda mais, ele critica algumas antologias de contos, ou de literatura espanhola, nas quais se publicam obras castelhanas, catalãs, bascas sem levar em conta que castelhano, catalão e

euskera são três línguas diferentes da Espanha, e negligenciam conferir se se trata de um texto catalão ou de um texto basco, traduzido para o espanhol. A invisibilidade que ele se propõe apontar aqui é a do autor traduzido, pois a sua língua fica absorvida, automaticamente, pela língua de poder, que é o espanhol. Fatos como esse podem provocar um enfrentamento entre duas línguas que se relacionam entre sistemas de poder de níveis diferentes, o que precisaria ser analisado a partir de uma perspectiva sociológica.

Em “*Tras la huella del intérprete en la historia colonial hispano-americana*”, Gertrudis Payàs Puigarnau fala de uma atividade quase intangível, mas que é possível reconstituir, embora seja uma tarefa complexa e que envolve muitas e diversas dificuldades, dado que os registros textuais deixados diretamente pelos intérpretes, indicando como trabalhavam, são pouco menos que inexistentes. A metodologia que se utiliza para fazer a História da tradução, com seus registros escritos específicos e diretos, não pode ser utilizada para a pesquisa em interpretação sem uma consideração aprofundada sobre a oralidade, em primeiro lugar. Da mesma importância é a necessidade de relacionar essa consideração com observações antropológicas sobre os contextos, ter conhecimento sobre as situações nas quais os intérpretes exercem essa atividade e sobre as maneiras como se tornam intérpretes: crianças indígenas sequestradas pelos colonizadores, mestiços, catequizadores, comerciantes, etc. As fontes principais utilizadas por Payàs Puigarnau são os relatos de viagem, que possibilitam reconstruir, pelo menos, “as circunstâncias nas quais se precisava de um intérprete” (PAYAS PUIGARNAU, In: ORDÓÑEZ LÓPEZ; SABIO PINILLA (ed.), 2015, p. 309). Nesses relatos e crônicas, o intérprete deixa rastros, que induzem o pesquisador a descobrir quais eram os seus “sinais de identidade”, e assim consegue ir delineando a figura do intérprete na época da Colônia.

Apresentar aos leitores o intérprete atuando em situação de guerra é, para Jesús Baigorri Jalón, o assunto de interesse nessa Antologia, representado no artigo “*La lengua como arma: intérpretes en la guerra civil española o la enmarañada madeja de la geografía y la historia*”. E dado que guerras não faltam, contrariamente às dificuldades de fontes para a pesquisa de Payàs Puigarnau, no caso de Baigorri Jalón as fontes são muitas e ainda inexploradas. Baigorri Jalón parte da figura do intérprete durante a guerra civil espanhola para mostrar que o cenário da guerra atua como uma espécie de ateliê para a aprendizagem das línguas e até para a formação de intérpretes. As funções dos intérpretes em contexto de guerra, como no contexto colonial, ultrapassam as que conhecemos ou que atribuímos aos intérpretes

de hoje, em condições, digamos, normais. O autor destaca as figuras de dois tradutores presentes durante a Guerra Civil espanhola. A primeira, Adelina Abramson, argentina, de pais russos. O segundo, Heinrich Richard Ludwig Heil, nascido na Ucrânia. Nos dois casos, eles escreveram sobre as suas experiências particulares como intérpretes durante a guerra. Podemos assim concluir, de maneira provisória, que podem se delinear muitos perfis para os intérpretes, talvez tanto quanto para os tradutores.

276

Juan Pablo Arias Torres e Manuel C. Ferial García encerram o livro tratando sobre “*Los traductores de árabe del Estado Español. Del Protectorado a nuestros días*”, com relação à contratação de tradutores no Marrocos, entre 1912 e 1956, e no Saara Ocidental até 1975. Eles se perguntam qual era a figura do tradutor e intérprete do árabe e do berbere nos conflitos coloniais, nas guerras que tiveram lugar nos desertos naqueles anos, qual era a sua nacionalidade, a quem eram fiéis. O que se pode dizer com certeza é que participavam do conflito de forma muito estreita; muitos foram feridos, outros mortos. Os autores trazem para a tradução nesses contextos particulares o conceito de “tradução fidedigna”, e a distinguem da tradução oficial ou da tradução juramentada, por exemplo. A expressão é, em consequência, aplicada aos tradutores ou intérpretes que eles adjetivam de “tradutores fidedignos”, “intérpretes fidedignos”. Na realidade, o capítulo é um convite, à maneira de introdução, para ler o livro que eles publicam sobre esse tema, apresentando brevemente os conteúdos dos 12 capítulos. Terminam o capítulo explicando qual tem sido a sua metodologia, informação preciosa para os pesquisadores. Utilizaram fontes orais na maneira de entrevistas gravadas, fontes documentais como Boletins e arquivos privados – cartas, fotos – dos mesmos tradutores ou intérpretes, fontes bibliográficas secundárias atinentes às histórias geográficas e políticas dos contextos em questão. Outra fonte ainda mais interessante são as “pseudotraduções” ou “traduções fictícias”, como forma de narração no sentido sociológico e no sentido da teoria da comunicação. O exemplo que oferece é curioso, sobre a “publicação bilíngue [árabe, espanhol] do *Boletín Oficial de la Zona*. Se supunha que os textos legislativos tinham sido originalmente escritos em árabe – pois tinham sido produzidos pela autoridade local –, porem a realidade é que muitas vezes esses textos eram traduções para o Árabe de originais espanhóis produzidos pela autoridade colonial”. (ARIAS TORRES; FERIAL GARCÍA, In: ORDÓÑEZ LÓPEZ; SABIO PINILLA (ed.), 2015, p. 382).

Como afirmaram os editores na Introdução, as Leituras recolhidas nessa antologia têm muitos pontos em comum para dialogar entre elas, e motivar assim uma leitura crítica.

Considero importante apontar a ênfase que os editores dão aos intérpretes e à História da interpretação, um tema pouco tratado na tradutologia, muitas vezes negligenciado teoricamente e incluído como capítulo final em algumas antologias. Esse livro motiva a curiosidade tanto sobre a história da tradução e dos tradutores, quanto sobre a História da Interpretação e dos Intérpretes, e abre perspectivas para pesquisas futuras e necessárias. Temos um longo percurso a cumprir para fortalecer a disciplina e esclarecer fatos históricos que a perspectiva tradutológica revela, graças a essa leitura estereoscópica que a caracteriza – utilizando uma expressão de Marylyn Gaddis Rose.

Ainda temos muito caminho a percorrer.

RECEBIDO EM: 07 de julho de 2017

ACEITO EM: 08 de novembro de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

ⁱ Martha Lucía PULIDO Correa. Doutora em Ciencias literarias y humanas (1996) pela Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne, França. Professora da Universidade de Antioquia, Colômbia. Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6362075287830106> E-mail: marthaluciapulido@gmail.com

ⁱⁱ DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (dir.). *Les traducteurs dans l'histoire; Translators through History*. Ottawa/Paris, PUO/UNESCO, 1995. col. « Pédagogie de la traduction », no 2, publié sous les auspices de la FIT. 2^a Ed. em francês revisada por Jean DELISLE, 2007. 2^a ed. em inglês, revisada e ampliada por Judith WOODSWORTH, John Benjamins, 2012.